

LETRAMENTO QUEER: um olhar desobediente aos corpos dissidentes

Mateus Valadão de Souza¹

Diuli Alves Wulff²

Rafael Mendes³

Eixo temático: 3. Alfabetização, diversidades e inclusão;

Resumo: Este texto examina o conceito de letramento *queer*, utilizando uma breve conceituação a partir do letramento e da teoria *queer*, realizado por uma pesquisa bibliográfica, buscando uma aproximação entre esses campos teóricos. Além disso, realiza uma revisão bibliográfica na ANPED, BDTD, CAPES, CONBALF e na Scielo para análise de produção acadêmica sobre o tema nessas bases de dados. O letramento *queer* é uma prática social e política que desafia as normas relacionadas ao gênero e à sexualidade, promovendo a inclusão de narrativas e a diversidade na educação. A perspectiva do letramento destaca a importância de reconhecer e valorizar as experiências individuais e as diferentes utilizações da leitura e da escrita nos contextos socioculturais. A teoria *queer*, por sua vez, oferece uma análise crítica das noções tradicionais de identidade de gênero e sexualidade, enfatizando a fluidez e a complexidade das identidades. A combinação dessas abordagens resulta em práticas educativas mais inclusivas, que promovem a desconstrução de estereótipos, a valorização das diferentes expressões de gênero e sexualidade, e a criação de espaços acolhedores e respeitosos. Em síntese, conclui-se através da pesquisa nos bancos de dados que há ainda poucos estudos acadêmicos sobre o tema, especialmente nos anos iniciais. Mas torna-se necessário abordar que a práxis *queer* no campo educacional pode gerar uma educação combativa com as normas hegemônicas.

Palavras-chaves: Letramento, teoria *queer*, letramento *queer*, leitura, literatura *queer*.

¹Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas. Bolsista do Programa de Educação Tutorial-PET Pedagogia UFPEL Contato: matheussouza396485@gmail.com

²Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas. Bolsista do Programa de Educação Tutorial-PET Pedagogia UFPEL Contato: diulii.alves@gmail.com

³Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas. Bolsista do Programa de Educação Tutorial-PET Pedagogia UFPEL Contato: rafaelmendesufpel@gmail.com

Introdução

Com o crescimento das discussões de gênero e sexualidade na esfera pública e a politização dos movimentos sociais, há um impulsionamento para explorar a teoria *queer* na educação. O texto aborda o letramento *queer* que combina a compreensão sociocultural da linguagem proposta por Soares (2000), com a teoria *queer* sintetizada por Louro (2001) e Miskolci (2009), desafiando normas sociais e promovendo a inclusão de narrativas *queer*. Essa abordagem busca capacitar os estudantes a explorar suas identidades de forma crítica e reflexiva, ampliando perspectivas e promovendo o respeito pela diversidade humana. Além disto, através de revisão bibliográfica, utilizou das elaborações conceituais de Beltrão (2016), Costa e Rodrigues (2021), Pessoas e Freitas (2021), Biondo (2015) e Freitas (2018) para analisar o que estes(a) autores(a) produziram sobre o tema.

Este trabalho situa-se como uma contribuição nas discussões para gerar reflexões acerca do letramento *queer* nas práticas educativas e pretende contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes, respeitosos e capacitados a lidar com as complexidades das identidades de gênero e sexualidade na sociedade contemporânea.

2 Fundamentação teórica

O filósofo e escritor Preciado (2019, p. 68) lança o questionamento sobre “quem defende a criança *queer*?”. Os discursos moralistas e o pânico moral defendem “a figura política de uma criança que eles constroem de antemão como heterossexual e de gênero normatizado”.

A falta de defesa desses direitos nos põe em alerta. Segundo Almeida (2016), pessoas trans e travestis somam um índice de 82% de evasão escolar no Brasil. Dados da pesquisa nacional sobre o ambiente escolar (ABGLT, 2016), revelam altos índices de insegurança na escola em relação às suas sexualidades e identidades de gênero, agressões e violências verbais, físicas e sexuais, ineficiência das escolas em lidar com essas situações, falta de acolhimento e redes de apoio, além de um aprofundamento de transtornos mentais das vítimas, na sua maioria jovens⁴.

Fora do contexto escolar, mas ainda abordando a violência, houve um apagão de dados na 15ª edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública referente às violências sofridas pela comunidade LGBTQIA+ nos Estados brasileiros (VIANA, 2021). De forma explícita, “essa convergência de menor cobertura revela é que há pouco interesse político-institucional de produzir dados” (BRASIL, 2022, p. 133).

⁴ Para um acesso mais detalhado destes índices da (ABGLT, 2016), a pesquisa apresenta uma síntese destes dados na página 19.

Segundo dados da ANTRA (2023), o Brasil continua na liderança dos países que mais matam pessoas trans e travestis. Esses dados precisam ser olhados com o nível de gravidade que eles merecem e a educação necessita incorporar em suas práticas um olhar responsivo onde as escolas não sejam mais um espaço que amole a foice que abate física-simbólica-intelectualmente essa população.

Utilizar-se do letramento através de uma perspectiva *queer* é apenas um fragmento dentro da complexidade de lidar e lutar contra a LGBTQIA+fobia dentro das escolas, que deve permear para além de práticas individuais de docentes e se transformar em um acordo coletivo dentro das instituições educacionais e de um aprofundamento democrático do Estado na garantia de direitos.

2.1 Letramento e teoria *queer*

Segundo Soares (2000) O termo "letramento" foi introduzido na metade dos anos 80 e tem sido amplamente estudado e disseminado no cenário acadêmico brasileiro. Ele se refere ao processo de aprender a ler e escrever, e ao estado ou condição adquiridos por um grupo social ou indivíduo ao se apropriar da escrita. O letramento tem implicações sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas e linguísticas tanto para o grupo social quanto para o indivíduo que o utiliza.

A homossexualidade é um invenção do século XIX. No entanto, não significa que anterior a isto não existiram homossexuais. Para Foucault (1988, p. 42)

A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie.

A “espécie” homossexual surge em detrimento do que antes era o praticante da sodomia, ela passa de uma prática habitual pecaminosa que poderia ser acometida e perdoada para “um segredo que se trai sempre” (1988, p.42), o sujeito homossexual é um personagem onde “nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade” (1988, p.42). E através dessa caracterização é que “a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se” (1988, p.42), dando a estes saberes uma relação de poder para categorizar e subalternizar as sexualidades desviantes.

Essa condição desviante perdura nas sociedades ocidentais até os anos 1970, quando começam a se organizar movimentos de grupos homossexuais para disputar os seus sentidos identitários, surgindo “possivelmente associado à contracultura e às demandas daqueles que, na década de 1960, eram chamados de novos movimentos sociais” (MISKOLCI, 2009, p. 21).

No entanto, não se tinha uma unanimidade em torno desses grupos que estavam surgindo, pois suas intenções eram de produzir teórica e politicamente uma “representação ‘positiva’ da homossexualidade” (LOURO, 2001, p. 544). Só que ao buscar produzir uma

identidade, ao afirmar “uma dada posição-de-sujeito, supõe, necessariamente, o estabelecimento de seus contornos, seus limites, suas possibilidades e restrições”.

O movimento teórico e político *queer* surge através de um rompante dessas concepções de sujeito e identidade, buscando ultrapassar “o caráter unificador e assimilacionista”, visto que “o movimento já não perturbava o status quo como antes” (LOURO, 2001, p. 544).

Esse rompante se dá pelo seu contexto histórico, epistemológico e epidemiológico, onde o pós-estruturalismo e a epidemia da AIDS impactam esses grupos. A teoria *queer* se “cristaliza historicamente na segunda metade da década de 1980, nos Estados Unidos” (MISKOLCI, 2009, p. 23) e em

“1990, Teresa de Lauretis empregou pela primeira vez a denominação Teoria Queer para contrastar o empreendimento analítico que um conjunto de pesquisadores desenvolvia em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e de gênero” (MISKOLCI, 2007, p. 2).

Para o movimento *queer* essa ação assimilacionista não seria capaz de resolver as problemáticas em torno dos gêneros e sexualidades, pois em qualquer momento de convulsão social, moral, política e econômica, determinados setores sempre se voltariam para atacar esses grupos, os designando como abjetos onde “esse termo, “abjeção”: se refere ao espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política” (MISKOLCI, 2009, p. 24).

2.2 Letramento queer

Para abordar o letramento *queer*, foi necessário situar esses dois campos do conhecimento para fazer uma breve apresentação e entrelaçamento teórico. Pois a princípio, parece que a única coisa em comum entre o surgimento do letramento no Brasil enquanto categoria de análise de um fenômeno social e uma necessidade diante das demandas educacionais e a teoria queer é a década de 80 enquanto período de efervescência e refinamento conceitual.

O ponto de encontro entre essas duas teorias é a compreensão cultural e social da linguagem, pois tanto o letramento de Soares (2000), quanto a teoria *queer* apresentada por Louro (2001) e Miskolci (2009), reconhecem que a linguagem é moldada por normas e valores culturais e que essas normas podem restringir ou ampliar as possibilidades de expressão, essa concepção crítica da linguagem designa o letramento *queer*.

Para Lima (2021, p. 5) a escola produz práticas normalizadoras que são “pensadas e estruturadas para regulamentar comportamentos, posturas, falas e ideias”, essas práticas são “organizadas de forma a legitimar os discursos de dominação, a docilização dos corpos, a binaridade de gênero e o silenciamento das minorias, a partir da hegemonia social”.

2.3 Literatura: uma prática possível

O ensino da língua portuguesa no ciclo de alfabetização nos anos iniciais é estruturado em quatro eixos, sendo: (i) leitura de textos; (ii) produção de textos; (iii) oralidade e (iv) conhecimentos linguísticos. Neste tópico, será abordado o eixo leitura como uma possibilidade de prática, mas isso não significa que no processo de alfabetização esses eixos possam ser pensados sozinhos, eles possuem suas especificidades que devem ser construídas em articulação com os demais. Isso também não significa esgotar o letramento queer em uma única prática, pois até mesmo o letramento em suas habilidades e competências não se restringe apenas a leitura, e como vimos, o letramento queer é uma possibilidade dentro de uma pedagogia queer em disputa.

Retornando ao eixo de leitura, em 2012 o MEC lançou um documento com elementos conceituais e metodológicos para subsidiar os direitos de aprendizagem no ciclo de alfabetização. Entre os seis direitos apresentados, destacamos

II. Falar, ouvir, ler e escrever textos que propiciem a reflexão sobre valores e comportamentos sociais, participando de situações de combate aos preconceitos e atitudes discriminatórias: preconceito de raça, de gênero, preconceito a grupos sexuais, a povos indígenas, preconceito linguístico, dentre outros. (BRASIL, 2012)

A leitura é apresentada tendo três dimensões, sendo: “a dimensão sociodiscursiva; o desenvolvimento de estratégias de leitura; as relações entre leitura e análise linguística” MEC (2012, p. 47). Entre esse tripé, o que nos interessa neste momento é a sua dimensão sociodiscursiva — não subordinando as demais dimensões, que devem ser articuladas nas práticas desse eixo — pois “essa dimensão diz respeito às capacidades de o leitor refletir sobre os contextos que motivaram a escrita, os motivos que o levaram a ler, o papel que desempenha, como leitor” existindo dentro dela diversas esferas discursivas: “a literária, a midiática e a escolar/ divulgação científica” (BRASIL, 2012, p. 47)

A literatura *queer* infantil é um caminho possível entre os letramentos, a curadoria do(a) educador(a) perpassa pela sua escolha e intencionalidade de manter a reflexão sobre o contexto da escrita e a motivação da leitura, nessas múltiplas relações que se estabelecem, visto que a leitura é “uma prática de interação social” (BRASIL, 2012, p. 47).

Os livros utilizados em sala de aula podem ser selecionados com o objetivo de promover o letramento *queer*. Isso pode envolver a incorporação de imagens, textos e atividades que reflitam a diversidade de gêneros textuais e de gênero e sexualidade, permitindo que as crianças desenvolvam uma compreensão mais abrangente do mundo ao seu redor.

3 Metodologia

Após a delimitação do tema, os passos iniciais deste trabalho foi realizar uma revisão bibliográfica que para Vosgerau e Romanowski (2014, p. 170) teria como propósitos “a construção de uma contextualização para o problema e a análise das possibilidades presentes na literatura consultada para a concepção do referencial teórico da pesquisa”. Esta revisão foi realizada em bases de dados para analisar conceitualmente a sua produção acadêmica. Na tabela 1, é possível analisar as bases, o refinamento de busca e a quantidade encontrada.

TABELA 1 - Pesquisa em banco de dados

BASE DE DADOS	ANPED	BDTD	CAPES	CONBALF I,II,III,IV,V	SCIELO	TOTAL DE RESULTADOS
CRITÉRIOS	Título	Título OR assunto	Título OR assunto	Título OR assunto	Título OR resumo	
Nº de resultados para “letramento queer”	0 resultado	1 resultado	3 resultados	0 resultado	2 resultados	6 resultados

FONTE: DOS AUTORES, 2023.

Entre os seis trabalhos encontrados, um deles estava publicado em uma revista e foi encontrado tanto na Scielo quanto na CAPES, ou seja, foram analisados quatro artigos e uma tese, totalizando cinco trabalhos encontrados através dos critérios e descritor. Além desta revisão, utilizou-se uma pesquisa bibliográfica para ampliar e ressaltar a importância da discussão e aproximação da teoria *queer* com o campo da educação.

4 Resultados e Discussão

Para (BELTRÃO, 2016, p. 238 apud ROCHA, 2012) que utiliza como base o “método da desconstrução derridiano” introduz a ideia de “letramentos *queer* como uma prática social em que uma postura questionadora e reflexiva é assumida em relação às regras e binarismos que podem levar ao sofrimento humano”.

Costa e Rodrigues (2021), sobre o letramento *queer*, apresentam oito princípios, que em síntese buscam por uma “*queerização*” do conhecimento, visto como uma possibilidade de justiça social, combate às normalidades epistêmicas e as construções discursivas de histórias e identidades únicas, além de ir contra a subestimação dos discentes.

Para (PESSOA; FREITAS, 2021, p. 221-22) em sua dimensão de linguagem, o letramento *queer* encontra-se conceitualmente em uma sociedade com múltiplos sentidos discursivos em negociação e “essa intenção de mobilizar e pluralizar sentidos compõe o escopo dos chamados letramentos *queer*, os quais entendemos aqui como práticas discursivas que fomentam a negociação de significados” e que podem acontecer “por meio do engajamento crítico com diferentes recursos semióticos, como imagens, vídeos, pichações, textos orais e escritos etc.”

Biondo (2015) analisa o letramento digital, com enfoque no que é evocado de repertório e significações sobre gênero e sexualidade. “Esses letramentos podem ser considerados práticas sociais situadas pelo fato de envolverem atores sócio historicamente localizados e participando colaborativamente na coconstrução de significados no mundo digital” (BIONDO, 2015, p. 214 apud LOPES, 2010).

Freitas (2018), partindo dos pressuposto de letramento de Magda Soares propõe que os “letramentos *queer* remeteriam, então, às práticas sociais de leitura, escrita e uso da linguagem destinadas à problematização de binarismos sociais, linguísticos e identitários, com foco nas categorias gênero e sexualidade” (FREITAS, 2018, p. 44).

5 Considerações Finais

O letramento *queer* é uma prática transformadora que promove uma educação que busca desafiar as normas sociais e a ampliar vozes marginalizadas. Ao adotá-lo, os educadores podem desconstruir estereótipos, fortalecer a autoestima e promover a igualdade de direitos. A inclusão de narrativas *queer* na literatura e nas atividades de leitura e escrita enriquece o ambiente educacional. Como visto na revisão bibliográfica, há pouca produção acadêmica sobre o assunto — em específico nos anos iniciais da educação — o que torna ainda mais necessário continuar aprofundando as reflexões. O letramento *queer* nos convida a repensar os padrões, questionar normas dominantes e valorizar todas as identidades.

Referências

ALMEIDA, Aline. **Evasão escolar entre travestis é bem maior**. Diário de Cuiabá, Cuiabá, 23 de maio de 2016. Disponível em: < <https://flacso.org.br/?p=15833> > Acesso em: 03 mai. 2023.

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: às experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016. Disponível em: < <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2016/03/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf> >. Acesso em: 02 mai. 2023.

Associação Nacional de Travestis e Transexuais. **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021** / Bruna G. Benevides (Org). – Brasília: Distrito Drag, ANTRA, 2022. Disponível em: < <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf> >. Acesso em: 04 mai. 2023. p. 71-73.

BRASIL. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. In: Injúria racial e LGBTQI+ Disponível em: < <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=15> >. Acesso em: 03 mai. 2023. p. 125-135.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral – DICEI. Coordenação Geral do Ensino Fundamental – COEF. **Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo básico de alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do ensino**

fundamental. Brasília, DF: MEC, 2012b.

BELTRÃO, Márcio Evaristo. Práticas identitárias e letramentos queer no Ensino Médio: desafios e perspectivas curriculares para o ensino de línguas. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 4, p. 231-241, 2015.

BIONDO, Fabiana Poças. " Liberte-se dos rótulos": questões de gênero e sexualidade em práticas de letramento em comunidades ativistas do Facebook. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 15, p. 209-236, 2015.

COSTA, Patrícia Helena da Silva; RODRIGUES, Raquel de Almeida. Crítico "pero no mucho": problematizando a abordagem de questões identitárias em uma unidade de um livro didático de inglês para o Ensino Médio. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 60, n. 2, p. 500–517, 2021.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer**: uma política pós-identitária para a educação. *Revista estudos feministas*, v. 9, p. 541-553, 2001.

FREITAS, Marco Túlio de Urzêda et al. **Letramentos queer na formação de professorxs de línguas**: complicando e subvertendo identidades no fazer docente. 2018.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Autêntica, 2017.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Questão das Diferenças**: por uma analítica da normalização. In: Congresso de leitura do Brasil. 2007. p. 1-19.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. In: Quem defende a criança queer? Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020. p. 68-73.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade I**. In: A implantação perversa. Edições Graal, 1999. p. 36-49.

VIANA, Hugo. **Apagão de dados sobre violência contra LGBTQIA+ atinge ao menos sete estados, aponta pesquisa**. Folha de Pernambuco, Pernambuco, 15 de julho de 2021. Disponível em: < <https://www.folhape.com.br/noticias/apagao-de-dados-sobre-violencia-contra-lgbtqia-atinge-ao-menos-sete/190397/> > Acesso em: 03 mai. 2023.

VOSGERAU, Dilmeire Sant Anna Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista diálogo educacional**, v. 14, n. 41, p. 165-190, 2014.